



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8033 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

(RE)EXISTÊNCIA: EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO POLÍTICA NO ÂMBITO DOS MOVIMENTOS E AÇÕES ESTUDANTIS EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA SUL-MINEIRA

Junior Roberto Faria Trevisan - Universidade Federal de Alfenas

Agência e/ou Instituição Financiadora: PIB-PÓS - UNIFAL-MG

(RE)EXISTÊNCIA: EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO POLÍTICA NO ÂMBITO DOS MOVIMENTOS E AÇÕES ESTUDANTIS EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA SUL-MINEIRA

As práticas e ações juvenis têm motivado importantes estudos nas diferentes áreas das humanidades. Parte de um projeto maior, desenvolvido entre 2016 e 2019, que buscou compreender e interpretar os processos de formação social e política organizados pelas juventudes de uma universidade pública do interior de Minas Gerais, o presente trabalho tem por tema as práticas educativas e a formação política intrínsecas aos movimentos estudantis e às ações coletivas organizadas por jovens discentes do campus sede de uma universidade pública sul-mineira. Seu objetivo foi verificar e assimilar os processos educativos e as formas de interação presentes nos movimentos estudantis da instituição referida, bem como conhecer melhor como as/os jovens significam e experimentam suas ações formativas no contexto universitário. A pesquisa se justificou pela possibilidade de reflexão não só sobre teorias e concepções que têm fundamentado questões sobre temáticas educativas – sejam elas formais ou não – mas também com relação aos argumentos que detêm certas perspectivas sobre o ser jovem no contexto atual.

A generalidade do fazer sociológico está atrelada à própria condição genérica das relações sociais (SIMMEL, 2006). Com o intuito de compreender e interpretar melhor as questões acima, foi necessário, portanto, costurar uma combinação metodológica de caráter qualitativo e plural. Além da pesquisa bibliográfica e levantamento de dados documentais disponibilizados publicamente pelos grupos e movimentos parceiros da pesquisa (documentos oficiais, reportagens, gravações diversas, entrevistas, materiais de divulgação, relatórios de pesquisas, redes sociais, sites etc.), foram realizadas, entre 2017 e 2018, oito entrevistas semiestruturadas e o acompanhamento in loco, por meio de observação participante, das ações de caráter público promovidas pelo Diretório Central Estudantil (DCE) e outras organizações e coletivos. Esse olhar de perto e de dentro possibilitou tanto o desenvolvimento de uma relação de aprendizagem interpessoal quanto uma leitura mais efetiva das práticas educativas e de formação política no âmbito da instituição referida.

Entendemos, com base em Rancière (2011) Bringel (2012) e Gohn (2016), os

movimentos estudantis como um movimento social político, sui generis e pela educação. Nesse sentido, além de resguardar certas especificidades (demandas singulares, influências do ritmo acadêmico, contornos geracionais, variabilidade de organização, composição social, diversidade ideológica etc.), as mobilizações e ações discentes se articulam por meio de elementos também presentes nos demais movimentos sociais (estabelecimento de reivindicações, coletivização de objetivos e demandas, organização mínima, certo grau de continuidade no tempo, desenvolvimento de estratégias de recrutamento e outros). Ademais, a despolarização da sociedade civil e os desafios da globalização neoliberal fizeram com que as pessoas e movimentos reinventassem suas formas e ampliassem seus repertórios de atuação no mundo (PREYERS, 2018). Por conseguinte, não é demais enfatizar que, em nosso país, os movimentos estudantis passaram a incorporar traços de autonomia e a se configurarem por meio da sua capacidade histórica de assimilação e articulação com outros grupos, movimentos e organizações (MESQUITA, 2003).

Os movimentos sociais e suas práticas levam “ao acúmulo de experiência, onde tem importância a vivência no passado e no presente para a construção do futuro” (GOHN, 2012, p. 23). Consequência de processos formativos distintos e atrelado a diferentes percursos de vida, o engajamento militante emerge como um processo, ou seja, “não se nasce militante, torna-se um” (BRENNER, 2018, p. 240). Por conseguinte, pode-se considerar que as formas de associação, mobilização e ações coletivas próprias dos movimentos sociais, incluindo os estudantis, carregam uma forte tendência educativa tanto interna quanto externa ao seu campo de atuação direta (GOHN, 2012). Nesse sentido, os movimentos sociais detêm uma natureza educativa que, diversas vezes, passa despercebida. As mobilizações e lutas populares são espaços formativos que estimulam a transformação da realidade social e, de alguma forma, seja ela direta ou indireta, a (r)existência desses movimentos se alastram para além de seus campos de atuação prática.

Na universidade em questão, os movimentos e ações coletivas estudantis se revelaram, no decorrer da pesquisa, manifestos em diversas frentes, não sendo possível apontar uma condição una e/ou universal de suas práticas. Ou seja, sem contestar a importância das entidades estudantis consolidadas (DCE, Diretórios e Centros Acadêmicos e outros), sempre apareceram, no decurso das observações, a emergência de formas renovadas de intervenção e formação que extrapolaram as forças políticas tradicionais que atuam no contexto universitário. Tal condição ficou evidente em momentos importantes da investigação como, por exemplo, na ocupação e greve geral estudantil que aconteceu no segundo semestre 2016, cujos resultantes se tornaram um grande marco na história local e o fim de um ciclo de mobilizações, segundo as/os próprios discentes envolvidos.

Esse quadro fragmentado e repleto de antagonismos, longe de ser um fator somente negativo ou de despolarização, demonstrou que, em suas inter-relações, as/os estudantes engajados em algum tipo de ação ou organização coletiva forjaram um mosaico de práticas educativas e de formação política que expandiram sua amplitude para além de seus círculos de atuação mais direta. Outros cenários significativos que pudemos acompanhar (assembleias, rodas de conversas, eleições do DCE, ato “Ocupa Brasília” etc.), nos permitem assegurar, portanto, que esses processos se configuraram como uma das principais formas de interação entre as/os jovens discentes no desenrolar da pesquisa.

O campo progressista, em suas múltiplas formas e conteúdos, têm acompanhado, tanto no cenário nacional quanto internacional, o fortalecimento e a reorganização política de movimentos conservadores, reacionários e autoritários. Nesse sentido, podemos destacar, como desfecho da pesquisa, a potencialidade educativa das ações organizadas pelas/pelos jovens estudantes da universidade sul-mineira e o quanto elas podem nos ensinar. Para além, o fato de se darem em uma instituição de uma pequena cidade do interior não diminuem sua

importância na efetivação de ações concretas e críticas ao sistema dominante. Como uma forma de subjetivação que perturba a ordem consensual, as práticas educativas e de formação política observadas, têm, assim, um importante papel na transformação social e política não só das pessoas que experimentam seus espaços, mas também da sociedade como um todo.

Palavras-chave: Educação. Formação Política. Juventude.

REFERÊNCIAS

BRENNER, Ana Karina. Do potencial à ação: o engajamento de jovens em partidos políticos. *Pro-posições*, Campinas, SP, v. 29, n. 1, p. 239-266, jan./abr. 2018.

BRINGEL, Breno. Ciclo de protestos e lutas estudantis no Brasil. *Perspectiva Histórica*, Salvador, BA, v. 2, n. 22, p.29-44, jan./jul. 2012.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos pela educação no Brasil. *Crítica Educativa*, Sorocaba, Sp, v. 2, n. 1, p.9-20, jan./jun. 2016.

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais e educação*. 8. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2012. 128 p.

MESQUITA, Marcos Ribeiro. Movimento estudantil brasileiro: práticas militantes na ótica dos Novos Movimentos Sociais. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 66, p.117-149, out. 2003.

PLEYERS, Geoffrey. *Movimientos sociales en el siglo XXI: perspectivas y herramientas analíticas*. Buenos Aires: CLACSO, 2018. 229 p

RANCIÈRE, Jacques. *Ainda se pode de democracia?* Portugal: KKYM, 2011. 307 p.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2006. 118 p.